



Ex-Líbris: a desconhecida arte, tão antiga como o próprio livro

Rosely Bianconcini Mulin

Resumo: Este artigo pretende divulgar e tecer um panorama histórico do ex-líbris, desde o seu surgimento na Europa. Também conhecido como *bookplate*, é definido como uma pequena etiqueta de papel, tão antiga como o próprio livro. Destaca a importância do artista germânico Albrecht Dürer, no florescimento desta arte e, dos seus trabalhos considerados de extrema elegância, com estética perfeita. Discorre sobre os tipos de ex-líbris, caracterizados pelas diferentes ilustrações que os compõem, e sobre as técnicas mais utilizadas na sua elaboração. Expõe alguns ex-líbris de personalidades famosas e aborda sobre, o surgimento desta arte no Brasil, seu declínio e a situação atual. Apresenta e analisa o ex-líbris da Biblioteca George Alexander, da Universidade Presbiteriana, o qual motivou a realização dessa pesquisa.

Palavras-Chave: Ex-líbris. Bookplates. Dürer, Albrecht. Biblioteca George Alexander. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Sresnewsky, Igor.

INTRODUÇÃO

O artigo tem por objetivo tecer um panorama histórico do ex-líbris, definido como uma marca bibliográfica, que objetiva identificar o proprietário de um livro. Constituído por uma pequena etiqueta de papel, que aparece colada no verso da capa do livro, ou em sua folha de rosto, o ex-líbris é considerado uma arte tão antiga como o próprio livro, sendo ainda hoje pouco conhecido por estudiosos e bibliófilos.

Dedica atenção especial ao trabalho do artista Albrecht Dürer e ao ex-líbris da Biblioteca “George Alexander”, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o qual motivou a realização da pesquisa.

EX-LÍBRIS

Ex-líbris é uma locução latina que significa em português “dos livros de” ou “pertencentes a”, tem o objetivo de identificar o dono de um livro, pode ser definido como uma marca do proprietário, concebido como gravura artística e verdadeira obra de arte gráfica em



miniatura. Pode também aparecer sob forma de um carimbo ou de uma marca indelével. De acordo com Rato (1976), existem duas maneiras consideradas corretas de escrever a expressão: em latim *ex libris* (sem o hífen), ou *ex-líbris* (com hífen e com acento agudo no primeiro “i”, devido esse segundo segmento ser paroxítono e terminar em “i”).

Para esse trabalho, foi adotada a expressão *ex-líbris*, com hífen, pois assim está grafada no Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (FERREIRA, 2009) e no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) de 2009; apesar de ter encontrado controvérsias em alguns trabalhos consultados, os quais preferiram adotar a expressão pura originária do latim “*ex libris*”.

Embora seja pouco divulgado, o *ex-líbris* é tão antigo como o próprio livro impresso e, a sua utilização remonta ao século XV, na Alemanha. Caracterizado como uma pequena etiqueta de papel, colada no verso da capa ou na folha de rosto do livro. Sua trajetória está intimamente relacionada com a vida dos livros e ao amor dedicado a eles.

Suas medidas são geralmente 130mm de altura ou largura, sendo que alguns exemplares foram identificados na Alemanha, medindo 392mm X 270mm e, afixados em livros antigos, que apresentavam um formato maior que os atuais.

As ilustrações nele impressas representam a alma de seu proprietário, devendo ser um retrato sincrético de seu titular, representando suas atividades profissionais, predileções artísticas, personalidade, entre outras. O autor deverá associar estas representações à concepção artística, sendo que o resultado final deverá traduzir a identidade do proprietário.

Os motivos artísticos utilizados para ilustrar estes pequenos retângulos de papel, são geralmente humanos, botânicos, zoológicos, geográficos, históricos, bibliográficos, entre outros. Outros motivos ilustrativos são os brasões de armas da família ou qualquer outro motivo heráldico do proprietário.

HISTÓRIA

Desde o surgimento dos livros e, quando estes se tornaram objetos de propriedade particular, houve o desejo de identificá-los e evitar o seu extravio.

Na antiguidade, uma espécie de selos localizados em manuscritos, pertencentes aos



Faraós, tinham como objetivo indicar o proprietário do livro. O colecionador F. dos Santos Trigueiro afirmou, por ocasião da Exposição de ex libris, Associação Atlética Banco do Brasil (1955) que, o Museu Britânico possui em seu acervo uma tábua egípcia de louça azulada, espécie de etiqueta que se prendia nas caixas de papiros, pela qual se identifica que pertenceu à biblioteca de Amenófis III (1386 - 1349 a.C.),

Na Idade Média, quando os livros eram manuscritos e ilustrados com miniaturas, desenhos feitos em tinta vermelha, obtida do sulfeto de mercúrio, denominada mímio, daí o nome miniaturas, ou ainda ilustrados com iluminuras, pintura a cores; observa-se o grande desenvolvimento do ex-líbris.

Após a invenção da imprensa em 1455/1456, por Johannes Gutenberg, quando o livro deixa de ser objeto dos nobres e torna-se acessível às classes menos favorecidas, ocorre a grande produção destas marcas. Identificar cada livro da coleção com uma pintura demonstrou ser custoso para a época. Surge então a idéia de encomendar a artistas a criação de obras de arte em metal ou madeira, para a produção das pequenas etiquetas, que poderiam ser coladas em cada volume.

Conforme Esteves (1954), o primeiro ex-líbris impresso é o de Johannes Knabensberg, também conhecido como Hans Iglar (João Ouriço), gravado em madeira por W.L. Schuberg, representa um ouriço comendo flores silvestres, foi criado em 1450. Entre os mais antigos encontram-se também o ex-líbris de Giorgis de Podebrady e o de Hildebrand Brandenburg. Na França, seu surgimento ocorreu em 1529, com o ex-líbris de Jena Bertaud de la Tour-Brlanchet, na Inglaterra com o ex-líbris do Cardeal Wolsey, por volta de 1530, na Holanda em 1597, em livros de Ana van der Aa, na Itália surge por volta de 1622, na América surge o ex-líbris de John Cotton, em 1674, e o de John Willians em 1679, além do de Willian Pen.

Poulet Malassis, escritor francês, foi o pioneiro a escrever sobre o ex-líbris, publicando em 1875 o livro “Les ex libris français depuis leur origine jusqu’à nos jours”, aponta Esteves (1954). Após este lançamento surgiram os primeiros colecionadores, fundando-se, a partir de 1851, as primeiras sociedades ex-libristas na Europa, expandindo-se para outras regiões, com o objetivo de divulgação, conferências e exposições.

Artistas importantes passaram a criá-los, como Albrecht Dürer, Thomas Bewick, Paul

Revere, Kate Greenaway, Aubrey Beardsley, Marc Chagall, M.C. Escher, Rockwell Kent, Leonard Baskin, Barry Moser entre outros.

Quando surgiu o ex-líbris na Alemanha, o seu florescimento teve como principal responsável Albrecht Dürer (1471-1538) e um pequeno grupo de artistas. O trabalho de Dürer é considerado de extrema elegância e com estética perfeita (Figuras 1, 2 e 3).



Figura 1 - Ex-líbris atribuído a Albrecht Dürer
Fonte: The World of Ex-Líbris (2009)



Figura 2 - Ex-líbris atribuído a Albrecht Dürer
Fonte: The World of Ex-Líbris (2009)



Figura 3 - Ex-líbris atribuído a Albrecht Dürer
Fonte: The World of Ex-Líbris (2009)

Willibald Pirckheimer (Figura 1) foi conselheiro do Imperador Charles V (Eichstadt, 1470-1530), autor, bibliófilo e amigo de Dürer. Este ex-líbris foi elaborado antes de 1503. O texto “sibi et amicis” significa “pertencem a ele e aos seus amigos”.

Conforme Gombrich (1979), Albrecht Dürer viveu entre 1471 e 1528 e foi considerado a

figura central da renascença alemã. Estudou com o seu pai, um ourives húngaro que emigrou para a Alemanha, e em 1486 começou a pintar. Tornou-se aprendiz do pintor Michael Wolgumut com quem iniciou os seus trabalhos de gravura em madeira e cobre. Dürer inspirou-se nos trabalhos dos pintores dos dois maiores centros artísticos europeus (Itália e Holanda), mas sendo muito mais inovador. A partir de 1490, Dürer viajou muito com fins de estudo, passando pela Itália e Antuérpia. Considerado o maior artista alemão da Renascença, Albrecht Dürer, utilizou-se de vários meios de expressão. Suas xilogravuras expressam dramaticidade e as elaboradas gravuras em metal lhe deram fama internacional.

Gombrich (1979) afirma que Dürer mistura em sua arte tradições nórdicas e meridionais e, que seu trabalho foi profundamente influenciado pela pintura veneziana.

Homem independente, orgulhoso de sua aparência física e de seu talento, Albrecht Dürer era um homem de rara inteligência e cultura, mantinha um relacionamento com humanistas e eruditos e, entre clientes de expressão incluía-se o Imperador Maximiliano I.

Entre 1525 e 1528, Dürer editou suas obras teóricas sobre a representação artística da natureza e do homem, sendo que esses problemas jamais deixaram de acompanhá-lo em sua trajetória de criação. Mas sua riqueza e flexibilidade expressas em seu talento permitiram-lhe, a qualquer momento, retomar as suas preocupações de ordem espirituais. A técnica da xilogravura já era popular na Alemanha, mas sendo utilizada por Albrecht Dürer atingiu uma nova dimensão expressiva. Utilizava-se de uma chapa fina de madeira para traçar seus desenhos, que depois era entalhada por artesãos; as partes salientes recebiam uma aplicação de tinta e, a seguir eram impressas em papel. Albrecht Dürer fez uso nesses impressos das técnicas italianas de desenhos de figuras, sobretudo das linhas curtas e modeladoras que lhe conferiam volume, de tal forma que seus anjos, demônios e homens possuem uma força tridimensional, até então desconhecida na xilogravura.

Estudara com os italianos e, utilizando-se de seu aprendizado expressou um sentimento religioso, simultaneamente pessoal e apaixonado. Os rostos atormentados, as multidões amontoadas e os demônios trazem características inteiramente particulares. Cores vibrantes, estrutura geométrica da composição e o uso da arquitetura clássica dão

uma verdadeira evidência da influência de Bellini e de Leonardo da Vinci de acordo com sua obra A Adoração dos Magos. Ao mesmo tempo, as figuras e a paisagens de fundo refletem um caráter singularmente nórdico.

As gravuras e mesmo os quadros de Albrecht Dürer também surpreendem pela maestria nos mais diminutos detalhes. Elaborava infundáveis estudos de mãos, cabeças, objetos domésticos, plantas e animais: “O mínimo detalhe deve ser realizado o mais habilmente possível”, dizia, “nem as menores rugas e pregas devem ser omitidas” (GOMBRICH, 1979).

Combinava a impressão xilográfica com a gravação ornamental em ouro e prata, técnicas que dominava, devido à sua experiência como ourives. O próprio Albrecht Dürer recortava o desenho sobre uma chapa de cobre, utilizando um buril metálico, como um cinzel delicado, o que exigia muita paciência, acuidade visual e firmeza nas mãos. Os impressores, então, aplicavam tinta nas ranhuras entalhadas e pressionavam a chapa sobre um papel úmido.

As gravuras de Albrecht Dürer exibem surpreendentemente variedade de tons e de texturas, além das sutis variações de luz e sombra. Não são apenas as gravuras de maior apuro técnico já produzidas, expressam mais que isso, uma gama de sentimentos nunca vista antes em escala tão pequena.

Albrecht Dürer com seu insaciável apetite artístico pela experimentação se desenvolveu em várias formas de expressão: foi um dos primeiros artistas a usar o novo processo da água-forte em metal.

EX-LÍBRIS NO BRASIL

De acordo com o pesquisador Carlos Alberto Brantes, ex-librista brasileiro, medalhista e membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, “o primeiro “ex-líbris” brasileiro data de 1798 e pertenceu a Dna. Isabel de Menezes, casada com um rico comerciante português, teve o seu ex-líbris desenhado por Viera Portuense e gravado a buril pelo notável artista Francesco Bartolozzi, aponta Brantes (2009b).

Outro ex-líbris, identificado tão antigo como o de D^a. Isabel, é o de Manuel de Abreu Guimarães, provedor da Santa Casa de Sabará, considerado raríssimo existindo um único



exemplar pertencente à coleção da Biblioteca Nacional. Impresso em torno de 1805 por José Joaquim Viegas de Menezes, presbítero de Mariana. Foi citado no livro de Esteves (1954) como, “uma bela alegoria às Artes, ao Comércio e a Indústria. Uma lira no centro. Ao lado um caduceu – que é a insígnia de Mercúrio – o deus do comércio. Vê-se também o tridente – o cetro do Rei dos Mares. Em bonito cursivo caligráfico, apresenta o nome do possuidor”. Sua composição artística é de rara beleza e simboliza o culto pelas artes e pelo comércio. Registro especial merece o Barão do Rio Branco, primeiro brasileiro a colecionar ex-líbris no Brasil. Sua coleção teve início na Europa quando esteve como Cônsul Geral em Liverpool (1876/1893) e, em sua passagem pelos Estados Unidos (1893/1895), Suíça (1898/1900) e na Alemanha (1900/1902). Foi também proprietário de três ex-líbris com seis variantes, gravados em Paris por Agry em 1887.

Desde o seu surgimento no Brasil, pode-se constatar que várias personalidades encomendaram a artistas renomados a criação de sua marca pessoal, como o Barão do Rio Branco, Eduardo Prado, Oswaldo Cruz, Joaquim Nabuco, Juscelino Kubitschek, Cecília Meireles, Lima Barreto, dentre outros.

Segundo Brantes (2009a), no Brasil, muitos desenhistas tiveram destaque na criação de belíssimos ex-líbris, dentre eles, Adalberto Matos, Álvaro Cotrin, Raul Pederneiras, José Wasth Rodrigues, Adolfo Kohler, Antônio Pain Vieira, Oswaldo Teixeira, Calmon Barreto, Alberto Lima, Henrique Cavaleiro, Augusto Esteves, entre outros; sendo que Alberto Lima desenhou mais de 650 ex-líbris.

A partir do século passado, os ex-líbris ressurgiram nas mãos de artistas interessados em conceder-lhes definitivamente o caráter de arte. Uma das produções contemporâneas mais conhecidas é a de Jorge de Oliveira, nascido em Valença, RJ e radicado desde 1983 na cidade de nome Caçador, no Oeste catarinense. O artista já executou mais de 400 trabalhos para bibliófilos do Brasil e exterior, é frequentemente convidado para exposições ex-librísticas na Europa, onde o culto à tradição se mantém forte.

De acordo com Brantes (2009b), em 1981 a Biblioteca Pública do Paraná adquiriu a coleção de ex-líbris do colecionador Ely de Azambuja Germano, com a finalidade de preservar e promover o acesso a documentação histórico-cultural.

O colecionador que reuniu essa coleção, considerada uma das mais importantes do Brasil,

nasceu na cidade Rio Grande, no Rio Grande do Sul, em 1901 e faleceu em Curitiba aos noventa anos de idade. Formado na Faculdade de Odontologia de Pelotas, foi para Curitiba em 1928, exercendo a profissão até 1951. O rico conjunto dessas pequenas peças impressas, fruto do intenso trabalho de pesquisa empreendida pelo colecionador, foi levada a público apenas duas vezes, durante o governo de Bento Munhoz da Rocha.

Trata-se de rara coleção, talvez a única no gênero existente no Paraná. Conta com aproximadamente 2.500 ex-líbris de diversas procedências, inclusive de personalidades paranaenses.



Figura 4 – ex-líbris de Ely de Azambuja Germano
Fonte: Ribeiro (2009)

Ribeiro (2009) aponta que, o ex-líbris do Dr. Ely de Azambuja Germano (Figura 4), foi desenhado por Alberto Lima em 1953, impresso pela técnica de zincografia, tem as dimensões de 108mm x 58mm. Representado por um escudo que tem a forma do nacional português, de honrosas tradições, em homenagem à grande pátria irmã dos seus antepassados. As outras gravuras simbolizam a sublime trilogia: Deus, Pátria e família. Deus, simbolizado pela divina mão emergindo das nuvens. Pátria representada pelo mapa do Brasil, nele destacando-se o Rio Grande do Sul, seu torrão natal e o Paraná, berço de seus descendentes. Família, simbolizada por um zambujeiro, donde deriva o apelido Azambuja”.

BRASILEIROS QUE ADOTARAM O EX-LÍBRIS

A seguir, algumas imagens de ex-líbris de brasileiros, nos quais pode ser observada a diversidade de motivos escolhidos, os quais refletem a personalidade, profissão ou gostos de seus proprietários, (Figuras 5, 6, 7 e 8).

Dentre as imagens, é interessante notar que, o ex-líbris do cientista, médico e sanitarista Oswaldo Cruz (Figura 9) foi criado pela conceituada Casa Stern de Paris.



Figura 5 – ex-líbris do Marechal Ângelo Mendes de Moraes
Fonte: Maria Clara Livros (2009)

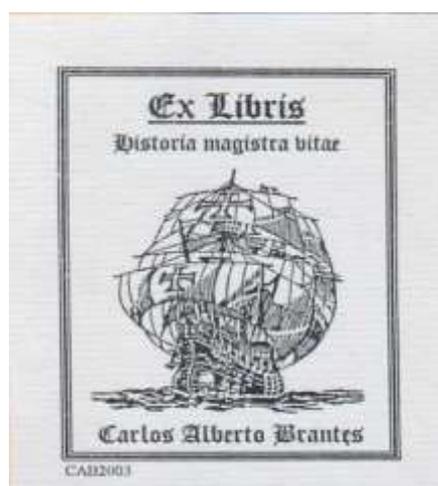


Figura 6 – ex-líbris de Carlos Alberto Brantes
Fonte: Maria Clara Livros (2009)

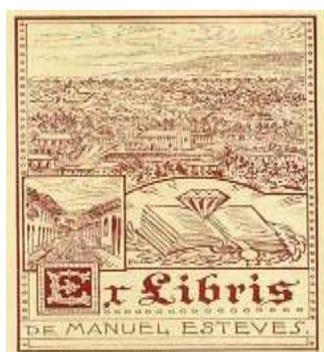


Figura 7 – ex-líbris de Manuel Esteves
Fonte: Maria Clara Livros (2009)



Figura 8 – ex-líbris de Ary Pavão
Fonte: Maria Clara Livros (2009)



Figura 9 – ex-líbris de Oswaldo Gonçalves Cruz
Fonte: Maria Clara Livros (2009)

Técnicas utilizadas na confecção

Definido por muitos como uma arte em miniatura, podemos identificar em sua confecção, vários processos de gravura como água-forte, buril, linóleo, xilografia, serigrafia, bico de pena, entre outros.

CATEGORIAS DE EX-LÍBRIS

Os ex-líbris podem ser classificados quanto aos temas das ilustrações como, religiosos, heráldicos e comuns, onde se incluem os monogramas, as reproduções de gravuras e as ilustrações de fundo alegórico, podendo-se obter uma variedade infinita e ao gosto do proprietário.

- a) Simples ou ornamentados, tipográficos ou reproduzidos por qualquer processo artístico ou mecânico.
- b) Heráldicos, quando no motivo principal constam brasões ou insígnias de pessoas, cidades, associações, entre outros. Do século XV ao século XVIII, muitos ex-líbris continham em sua composição, desenhos heráldicos, pois muitas famílias possuíam um brasão de armas que os identificava, assim estas marcas poderiam reconhecidas, por pessoas que não soubessem ler. Com o passar do tempo, os brasões familiares caíram em desuso, e o número de pessoas alfabetizadas

creceu, inicia-se então uma fase com ilustrações pictóricas, inicialmente em xilogravura.

- c) Simbólicos, quando reproduzem idéias, aspirações, lemas de vida e de ação, ocupações habituais entre outros.
- d) Paisagísticos, quando reproduzem aspectos e cenas rurais, urbanas, de marinha, entre outras, ligadas afetivamente ao possuidor do livro.
- e) Mistos, quando se enquadram em mais de uma categoria.

Quanto à forma de criação os ex-líbris podem ser classificados como, manuscritos, litografados e gravados, como:

- a) Vinhetas, impressos em gráficas ou nas formas mais clássicas de impressão, em madeira, pedra ou metal (xilogravura, litogravura, gravação a buril etc.). São trabalhos realizados por hábeis artistas e apresentam ilustrações variadas
- b) Tipografados, impressos tipograficamente e sem desenho. Seus dizeres citam somente que fazem parte de determinada biblioteca
- c) Superlíbris, gravados, pintados ou decalcados na capa frontal ou na lombada do livro, em ouro, prata ou policromia. Geralmente apresentam-se em forma de brasões ou monogramas
- d) Manuscritos, quando o proprietário do [livro](#), escreve ou desenha nas páginas iniciais a sua identificação, muitas vezes autografando-os.
- e) Carimbos, onde normalmente consta somente o nome do proprietário ou algum desenho. São confeccionados em borracha, porém antigamente eram feitos em madeira ou metal.



- f) Universais, são os confeccionados e vendidos no comércio. O usuário escolhe o modelo e escreve ou carimba o seu nome no local apropriado.

A TRADIÇÃO DO EX-LÍBRIS NA BIBLIOTECA GEORGE ALEXANDER

A preocupação em criar um espaço adequado para leitura existe desde 1886 no Instituto Presbiteriano Mackenzie, quando era ainda Mackenzie College e, contava com uma coleção de livros deixados no Brasil por missionários norte-americanos que retornavam à sua pátria. Com o crescimento de seu acervo, foi inaugurada em 1918 uma pequena construção de dois cômodos; um deles foi utilizado para acomodar o acervo de 2.000 volumes e, o outro foi utilizado para abrigar os leitores.

O projeto específico de um edifício para acomodar uma biblioteca era, no Brasil, ainda uma novidade na época. Os poucos exemplos existentes eram geralmente edifícios públicos, como a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Em 1923, apresentou-se o projeto de uma construção simples, mas que atendia à sua proposta e, em 1926, inaugurou-se a Biblioteca George Alexander, que obteve esse nome em homenagem ao Conselheiro do Mackenzie College, um importante educador da Instituição. Seu acervo na época contava 7.000 volumes.

A arquitetura do prédio impressiona seus visitantes até hoje, pela sua simplicidade e imponência, evocando agradáveis recordações em todos que a freqüentam.

Em fevereiro de 1927, a Biblioteca foi franqueada ao público em geral e a maior novidade foi o livre acesso dos leitores às estantes.

No acervo da Biblioteca George Alexander (Figura 12), que hoje conta com mais de 500.000 volumes, considerando o acervo total das sete bibliotecas setoriais do campus Higienópolis, São Paulo; foram localizadas duas versões de ex-líbris, a primeira (Figura 10) consiste numa etiqueta que identifica os livros doados à Biblioteca pelo Dr. Charles T. Stewart, antigo Conselheiro do Mackenzie College, sendo que a sua autoria é desconhecida.

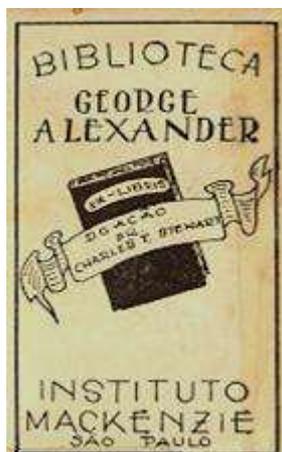


Figura 10 – ex-líbris da Biblioteca George Alexander – Doação Charles T. Stewart
Fonte: Acervo documental - Centro Histórico e Cultural Mackenzie

A segunda versão de ex-líbris da Biblioteca George Alexander (Figura 11), conforme a publicação *O Noticiário Mackenzista (CONCURSO..., 1936)*, consiste numa criação artística que foi o resultado de um concurso que ocorreu na Escola de Engenharia do Mackenzie em 1935, quando este curso possibilitava ao aluno a opção por Arquitetura. O concurso foi motivado pela comemoração dos 50 anos de leitura da Biblioteca do Mackenzie, que iniciou seu acervo em 1886, com livros deixados na Instituição, por missionários norte-americanos. O vencedor do concurso para a criação do ex-líbris da Biblioteca George Alexander, foi o aluno e futuro arquiteto Igor Sresnewsky, o qual concluiu a graduação no ano de 1939, casando-se futuramente com a também arquiteta e mackenzista Francisca Galvão Bueno.



Figura 11 – ex-líbris da Biblioteca George Alexander - Autoria de Igor Sresnewsky (1935)
Fonte: Acervo documental – Biblioteca George Alexander

O ex-líbris da Biblioteca George Alexandre pode ser considerado uma obra de arte em miniatura que, exerce grande fascínio em seus admiradores. Emoldurado nas laterais com motivos delicados, exhibe à frente uma figura feminina, sentada, denotando ar reflexivo, que acolhe em seu colo um livro aberto, sobre o qual repousa o braço direito. A mão esquerda está sob o seu queixo, com o braço apoiado num escudo que exhibe as palavras “Arte e Sciencia”, como uma guardiã do acervo.

Na parte superior, em letras góticas, exhibe o nome da Biblioteca, George Alexander, abaixo a palavra Mackenzie e ao lado direito, o nome do local, São Paulo. Exhibe ao centro o exuberante edifício da Biblioteca George Alexander, construído com tijolos aparentes, em estilo gótico, que está retratado em sua face lateral e fundos. O edifício surge emoldurado pelo desenho de um arco gótico, que reproduz o formato das janelas superiores e inferiores das faces laterais e frontal do edifício, sendo que na face retratada a junção das janelas formam artisticamente esse mesmo desenho.

Pode ser classificado como misto, pois enquadra-se em mais de uma categoria, combinando aspectos simbólicos, heráldicos e paisagísticos.



Figura 12 – Interior da Biblioteca George Alexander
Fonte: Acervo documental - Centro Histórico e Cultural Mackenzie

CONCLUSÕES

Podemos concluir após a realização da pesquisa que, o ex-líbris, desconhecido pela grande maioria no Brasil, exerceu e ainda exerce grande força e fascínio na Europa e na América do Norte, sendo que, nessas regiões até o mais modesto bibliófilo adorna os seus livros com a elegante marca de posse. As palavras “ex-librismo”, a arte de colecionar e “ex-librista”, o colecionador, podem soar estranhas, porém até meados do século passado, foram muito utilizadas no Brasil, reunindo colecionadores e aficionados em clubes e federações, fato que gerou publicações periódicas e intenso intercâmbio.

Na referida marca bibliográfica fica impressa a “alma” de seu proprietário, traduzida pela arte e talento de grandes artistas ou até mesmo de anônimos. Por intermédio delas podemos analisar os seus anseios e sentimentos mais profundos, revelando o sentimento de amor aos livros.

Essa pesquisa é especialmente dedicada à memória do ex-líbris da Biblioteca George Alexander, criado em 1935 e que, devido ao grande número de reproduções ao longo do tempo, não permitia a identificação do nome de seu criador, tornando a impressão ilegível.



Foi necessária a colaboração de funcionários antigos da Biblioteca George Alexander, em especial da bibliotecária Giselda Maria Peres e da técnica em biblioteconomia Nancy dos Santos Nunes Souza, que recorreram à memória pessoal para fornecerem dados relevantes.

A localização do documento informativo Cinquenta anos de leitura (BIBLIOTECA GEORGE ALEXANDER, 19--?), antes extraviado, foi de grande importância para a preservação da história da Biblioteca, pois registra fatos relevantes que ficarão doravante registrados e preservados. A pesquisa tem um caráter histórico-cultural e simboliza uma homenagem aos 90 anos da Biblioteca George Alexander, comemorados em 2016 e, aos 80 anos da criação de seu ex-líbris, comemorados em 2015.

Ex-líbris: the unknown art which is so antique as a book

Abstract: This article aims to make and reveal a historical view of the ex-líbris since its appearance in Europe. Also known as a bookplate, it is defined as a little paper label, which is so antique as a book. This article brings out the importance of Albrecht Dürer, a German artist that stood out during the beginning of this art and which works became known due to their elegance, refinement and perfect aesthetic. It discourses about the types of ex-líbris, which are characterized by the different illustrations that they are made up and the techniques that are used the most in its elaboration. It also exposes some ex-líbris of famous personalities and explains about the appearance of this art in Brazil, its decadence and actual situation. It presents and analyzes the George Alexander Library's ex-líbris, from Mackenzie University, which motivate this research.

Key-Words: Ex-líbris. Bookplates. Dürer, Albrecht. Biblioteca George Alexander. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Sresnewsky, Igor.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL. *Exposição de ex libris*. Rio de Janeiro, 1955.

BIBLIOTECA GEORGE ALEXANDER. *Cinquenta anos de leitura*. São Paulo: [Instituto Presbiteriano Mackenzie, 19--?].



BRANTES, Carlos Alberto. *O que é ex-libris?* Disponível em: <<http://www.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=28>>. Acesso em: 12 nov. 2009a.

BRANTES, Carlos Alberto. Ex libris: o resgate de uma tradição. *A Traça*, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.traca.com.br/?pag=clip20050607>>. Acesso em: 18 nov. 2009b.

CONCURSO para “Ex-libris”, acta. *O Noticiário Mackenzista*, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 4, 1936.

ESTEVES, Manuel. *O ex libris*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1954. 163 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro, 1979.

MARIA Clara Livros. *Ex-libris*. Disponível em: <<http://ivanmauricio.blog.terra.com.br/category/ex-libris/>>. Acesso em: 25 nov. 2009.

RATO, Fausto Moreira. *Manual de ex-libristica*. Lisboa: Imp. Nacional/Casa da Moeda, 1976.

RIBEIRO, Adriano. Os ex-libris em 50 anos. *A Notícia*, Santa Catarina. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/2003/out/01/0ane.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2009.

THE WORLD of ex-libris: a historical retrospective. Disponível em: <<http://karaart.com/prints/ex-libris/1b.html>>. Acesso em: 21 nov. 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 24 nov. 2009.

BIBLIOGRÁFICA CONSULTADA

ALLEN, Charles Dexter. *American book-plates: a guide to their study with examples*. New York: Macmillan, 1894. 437 p.

BEZERRA, José Augusto. Ex-libris: a marca de propriedade do livro. *Revista do Instituto do Ceará*, 2006.

CASTLE, Egerton. *English book-plates: an illustrated handbook for students of ex-libris*. London: George Bell & Sons, 1892. 249 p.



GREGSON, Herbert. *Ex libris: a collection of book-plate designs*. Boston, MA: W. P. Truesdell, 1907.

SCHROEDER, Claudio. Ex libris numismáticas. *Sociedade Numismática Brasileira*, São Paulo, n. 53, p. 32-43, 2004.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: guia para alunos da Universidade Presbiteriana Mackenzie*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2006.

VINICOMB, John. *On the processes for the production of ex libris (book-plates)*. London: A. & C. Black, 1894. 96 p.

WARREN, John Byrne Leicester. *A guide to the study os book-plates (ex-libris)*. Danvers, MA: General Books, 2009. 155 p.

Informações dos autores

Rosely Bianconcini Mulin

Biblioteca George Alexander, Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Email: rosely.mulin@mackenzie.br



Recebido em 27.10.2015 e aceito para publicação em 18.03.2017